

GRAND FINALE: DOIS HOMENS, UMA ESCADA, SÍSIFO E O MUNDO DO TRABALHO

Por amilton de azevedo¹

Uma placa anuncia: "SENSACIONAL. HOJE! ENFORCAMENTO DO TRABALHADOR DA CULTURA + CHUVA DE DINHEIRO. NÃO PERDA". Será mesmo esse o *Grand Finale*? Vale dizer logo de cara que sim. As 10 Graças, grupo de Fortaleza (Ceará), cumpre o que promete. Meu Xará e Seu Xará (David Santos e Igor Cândido) são dois trabalhadores da cultura que, por seus nomes, podem ser qualquer um de nós; por seus figurinos e bigodes idênticos, podem ser um só. Nessa construção, essa dupla-duplo carrega consigo a potência de representar a singularidade do artista e a representação de uma classe.

A obra é marcada por esse pêndulo entre a diversão proporcionada pelo jogo cênico dos dois palhaços e a criticidade do discurso, presente enquanto texto, mas especialmente traduzida em impactantes imagens. A dualidade que permeia o todo de *Grand Finale* é vista desde a combinação de uniforme, um chamativo terno listrado, e capacete de segurança.

Importante delinear que os Xarás, aqui, não são palhaços interpretando operários, ou seja, desordenando e reordenando modos de estar e agir no mundo de forma a extrair comicidade de suas ações. Meu Xará e Seu Xará são Santos e Cândido, efetivamente trabalhadores da cultura: há uma performatividade no uso da máscara (que concretamente nem está lá, visto que não utilizam narizes), percebida na relação que estabelecem com o material – um com o outro, com o público, com a escada.

¹ amilton de azevedo é crítico e professor de teatro. Atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP, desenvolvendo pesquisa em torno da crítica teatral contemporânea no Brasil. É mestre em Artes da Cena, especialista em Direção Teatral e bacharel em Teatro pela Escola Superior de Artes Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Criou a plataforma *ruína acesa* (<https://ruinaacesa.com.br>) em 2017, onde publica regularmente textos sobre teatro. Escreveu para a *Folha de S. Paulo* e colabora como crítico, debatedor e curador em festivais internacionais, nacionais e regionais, como o *MIRADA*, a *MITsp*, o *Cena Bárbara* e o *FESTÃO*. Ministra oficinas de crítica junto a instituições como a *SP Escola de Teatro* e unidades do *Sesc São Paulo*. É membro da seção brasileira da *IATC/AICT* (Associação Internacional de Críticos de Teatro).

Também se pode notar que o jogo entre eles se organiza a partir de uma dinâmica entre Branco e Augusto, os tipos mais "tradicionais" de duplas de palhaço. Porém, eles mesmos rechaçam essa ideia: "Isso é coisa de europeu. Aqui é palhaço e escada" – e os Xarás são palhaços, enquanto a escada é... a escada. Santos conduz com maior firmeza o andamento da dramaturgia, enquanto Cândido mantém um olhar distante e um *anti-timing* cômico extremamente preciso. Ainda assim, suas funções são permeáveis, e a cada momento um está apoiando outro e vice-versa.

Com interlocução poética de Alysson Lemos, *Grand Finale* lida com o desafio do imprevisível que é natural das teatralidades da rua enquanto busca contornar seus sentidos e intenções. Sem dúvidas, se trata de um equilíbrio instável entre o brincar, a comédia e a leveza, e a densidade da crítica que se desenvolve desde o início silencioso até o ápice da última imagem da encenação.

No que se apresenta como prólogo, os Xarás organizam o espaço sem dizer uma palavra. Desmontam a escada, giram-na, colocam ela no chão, começam a desenvolver movimentações que rapidamente tornam-se cômicas tanto pela expressividade dos palhaços quanto pelo aparente sem-sentido dos gestos realizados.

As incessantes subidas e descidas fazem com que aqueles dois homens e aquela escada pareçam materializar diante da plateia o mito de Sísifo, num ciclo interminável de ir e vir, fazer e refazer. E o que é o trabalho do artista da cena senão a repetição? Mas aqui não se insiste por punição: não há pedra que rola montanha abaixo e o fracasso é o ouro do palhaço – inclusive, parece tolo medir o fazer artístico por sua utilidade ou seu sucesso.

Porém, no mundo do trabalho, há algo a se observar. Na maioria dos setores produtivos, não se vê mais o operário de Charlie Chaplin que, desesperado, corria atrás das peças na linha de montagem fordista em *Tempos Modernos* (1936). Agora, o que se torna cada vez mais regra no capitalismo contemporâneo são trabalhadores que se autoexploram e se autofiscalizam, "empreendedores de si mesmo", como aponta o filósofo Byung Chul-Han em *Sociedade do Cansaço*. Terceirização, precarização, *uberização* do trabalho, *gig economy*; onde fica a cultura, nisso tudo? Na ordem do espetáculo. Da romantização. Do trabalho "por amor" – quando não "por portfólio" ou "por permuta".

A arte está inserida no mundo do trabalho, quer queiram os artistas, quer não. Assim, o que pode ela? As 10 Graças tomam para si o andamento dessa engrenagem-escada, domesticando a materialidade bruta a partir de sua técnica e criatividade e não se permitindo ser dominada por ela. Na relação com a plateia, os Xarás constroem cumplicidades – a pessoa convidada para auxiliar na cena é nomeada Nossa Xará, por exemplo – e também boas armadilhas para verticalizar sua potência crítica.

O *Grand Finale*, anunciado desde o início e cuja corda já com o nó feito pendura do topo da escada, é a todo momento exaltado: "Vocês querem ver o enforcamento do trabalhador da culturaaaa?" e o público não hesita em responder "Siiiiim!". Lá está a espetacularização da dor, do sofrimento e da morte que permeia a sociedade, dos telejornais *espreme-que-sai-sangue* aos vídeos viralizados em redes sociais e grupos de WhatsApp, e lá estamos nós, inseridos nisso, ansiando por isso.

Evidente que se trata de um número cênico, que esse será o ápice, que enquanto espectadores queremos ver o clímax do espetáculo. Na apresentação dentro da programação do 37º Festival, um ambiente muito mais controlado do que geralmente As 10 Graças encontram: dentro de um equipamento cultural, às 23h de um sábado, tinham diante de si uma plateia formada majoritariamente por colegas trabalhadores da cultura – mesmo o público "comum" (ou seja, que não trabalha na área) estava naquele local e naquela hora para assistir ao trabalho; não havia transeuntes desavisados, por exemplo.

No bate-papo pós-peça, Milena Siqueira perguntou a Santos e Cândido sobre essa diferença: a "chuva de dinheiro", aqui, não causou nenhuma reação imediata nas pessoas que assistiam, em oposição ao que geralmente se dá em praças públicas. É impactante imaginar que, à imagem final, estática, soma-se uma imensa agitação para recolher notas e moedas ao pé do enforcado. A realidade acaba por gritar – e, conforme uma fala de Santos, é a consciência da ficção, inclusive, que possibilita que o público vá atrás do dinheiro espalhado. Dualidade.

As 10 Graças fazem do *Grand Finale* um acontecimento derradeiro com ânsia de futuros. Em meio ao tanto que se ri, a inserção do momento do chapéu dentro da obra não cumpre apenas função estrutural (visto que é dele que virá o dinheiro da "chuva" futura), mas também assenta no imaginário de quem assiste que aqueles dois, caso

ainda reste alguma dúvida, são tão trabalhadores quanto qualquer um que passe pela praça onde se apresentam a cada dia. Também, na carta do enforcamento, a seriedade e a emoção necessárias para que se tenha certeza de que aquele ato, ainda que autoinfligido na cena, não se trata de um suicídio: essa morte é a consequência social de quem já vive com a corda no pescoço.

E depois do grande final, o que vem? O que sucede a morte? Para esses Sísifos desejosos de repetição, a vida. Enquanto a chuva de dinheiro é preparada, estranhos "parabéns pra você" ecoam das caixas. Nasce, morre, nasce. Há sempre mais um degrau a se subir, a se descer, a se subir, a se descer, a se subir, a se descer, a se subir, a se descer, a se subir, a se descer, a se subir; uma escada para ser enforcado, fazer chover, fazer nascer, mais um degrau a se descer, a se subir, a se descer, a se subir, a se descer, a se subir, a se descer, a se subir, a se descer, a se.